



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**COORDENAÇÃO DE LETRAS**

**FERNANDA CAROLINY DE MOURA LEAL**

**O NORDESTINO REPRESENTADO EM *INSPIRAÇÃO NORDESTINA*, DE  
PATATIVA DO ASSARÉ: A LITERATURA POPULAR COMO CAMPO DE  
PRODUÇÃO SIMBÓLICA E ESPAÇO POÉTICO CONSERVADOR**

**PICOS**  
**2019**

**FERNANDA CAROLINY DE MOURA LEAL**

**O NORDESTINO REPRESENTADO EM *INSPIRAÇÃO NORDESTINA*, DE  
PATATIVA DO ASSARÉ: A LITERATURA POPULAR COMO CAMPO DE  
PRODUÇÃO SIMBÓLICA E ESPAÇO POÉTICO CONSERVADOR**

Artigo apresentado ao curso de Letras da  
Universidade Federal do Piauí (UFPI),  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros,  
como requisito parcial para a obtenção do  
título de Graduado em Letras.

Orientadora: **Prof<sup>ª</sup>. Dra. Cristiane Feitosa  
Pinheiro**

**PICOS**

**2019**

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**  
**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**L435m** Leal, Fernanda Caroliny de Moura.  
O nordestino representado em inspiração nordestina, de Patativa do Assaré: a literatura popular como campo de produção simbólica e espaço poético conservador. / Fernanda Caroliny de Moura Leal. – Picos,PI, 2019.  
38 f.  
CD-ROM: 4 ¼ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2019.  
"Orientador(A): Prof. Dra. Cristiane Feitosa Pinheiro."

1. Literatura Popular. 2. Literatura - Nordeste. 3. Patativa do Assaré. I. Título.

**CDD 398.232 813**

*Elaborada por Rafael Gomes de Sousa CRB 3/1163*

FERNANDA CAROLINY DE MOURA LEAL

**O NORDESTINO REPRESENTADO EM *INSPIRAÇÃO NORDESTINA*, DE PATATIVA DO ASSARÉ: A LITERATURA POPULAR COMO CAMPO DE PRODUÇÃO SIMBÓLICA E ESPAÇO POÉTICO CONSERVADOR**

Artigo apresentado ao Curso de Letras Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Letras.

Aprovado em 7 de junho de 2019.

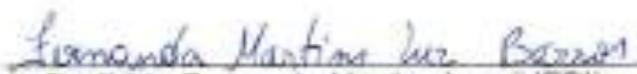
**Banca Examinadora:**



Profª Drª Cristiane Feitosa Pinheiro (UFPI)  
(Orientadora)



Prof Dr Welbert Feitosa Pinheiro (UFPI)  
(Examinador)



Profª Me Fernanda Martins Luz (UFPI)  
(Examinador)

## O NORDESTINO REPRESENTADO EM *INSPIRAÇÃO NORDESTINA*, DE PATATIVA DO ASSARÉ: A LITERATURA POPULAR COMO CAMPO DE PRODUÇÃO SIMBÓLICA E ESPAÇO POÉTICO CONSERVADOR<sup>1</sup>

FERNANDA CAROLINY DE MOURA LEAL<sup>2</sup>

CRISTIANE FEITOSA PINHEIRO<sup>3</sup>

### Resumo

O presente trabalho busca analisar os poemas *A Triste Partida*, *Ilustríssimo Senhô Doutô*, *No meu sertão* e *A terra é naturá* da obra *Inspiração Nordestina* (1956), de Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré. Objetivou-se identificar a Literatura Popular como um campo de produção simbólica, através do estudo da construção e representação do nordestino nessa obra. Para tanto, fez-se uma breve introdução acerca de Patativa do Assaré e da sua produção, enquanto Literatura Popular. Além disso, observou-se, nos poemas, a presença do conservadorismo, tema esse que é considerado simbólico, pois é um contribuinte para a formação da identidade do nordestino no texto. Para mais, foram apresentados alguns conceitos-chave (*habitus*, campo, bem cultural, capital cultural e capital simbólico) que se fazem importantes para situar o autor e a sua produção dentro da linha teórica bourdieusiana, relevante para responder à questão proposta nessa pesquisa. Em seguida, passou-se para as análises dos poemas, onde foram verificados os elementos que constroem o homem nordestino na obra e a relação que há entre a Literatura Popular e o eu-poético. Com base nisso, foi-se descobrindo uma produção simbólica que tem a Literatura Popular como campo representante. Usou-se ao longo dessa jornada de pesquisa autores como Bourdieu (1989, 1996, 2003, 2007), Cândido (2011), Nogueira (2004), Scruton (2015a, 2015b), entre outros.

**Palavras-chave:** Patativa do Assaré. Inspiração Nordestina. Representação do nordestino. Literatura Popular. Conservadorismo.

### Abstract

The present work seeks to analyze the poems "The Sad Match", "Ilustríssimo Senhô Doutô", "In my backlands" and "The earth is naturá" of the work *Northeastern Inspiration* (1956), by Antônio Gonçalves da Silva, the Patativa do Assaré. The objective was to identify Popular Literature as a field of symbolic production, through the study of the construction and representation of the Northeasterner in this work. For so much, a brief introduction was made about Patativa do Assaré and its production, while Popular Literature. Besides that, it was observed, in the poems, the presence of conservatism, which is considered symbolic, because it is a contributor to the formation of the identity of the Northeast in the text. For more, some key concepts (*habitus*, field, cultural good, cultural capital and symbolic capital) were presented that are important to situate the author and his production within the theoretical line

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

<sup>2</sup> Aluna regularmente matriculada no curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. E-mail: fernandacaroliny22@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora Adjunto da UFPI – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos – PI. E-mail: cristianeufpi@gmail.com

bourdieusiana, relevant to answer the question proposed in this research. Then, moved on to the analysis of the poems, where the elements that construct the Northeastern man in the work were verified and the relation between Popular Literature and the poetic self. Based on this, it was discovered a symbolic production that has Popular Literature as representative field. It was used throughout this research journey authors such as Bourdieu (1989, 1996, 2003, 2007), Candide (2011), Nogueira (2004), Scruton (2015a, 2015b), among others.

**Keywords:** Patativa do Assaré. Northeastern inspiration. Representation of the Northeastern. Popular Literature. Conservatism.

## Introdução

A Literatura Popular diz respeito às manifestações culturais – crenças, valores, vivência - de um determinado povo, revelando a identidade deste. Também designada de Literatura oral tradicional, a Literatura Popular, diferentemente da erudita, apresenta-se sempre em versos.

No Brasil, vários nomes se destacam nesse campo, porém, cabe tratar aqui sobre o autor Antônio Gonçalves da Silva, o **Patativa do Assaré**, um dos maiores representantes da Literatura Popular brasileira, que traz na sua obra o retrato do sertão e do povo nordestino, logo, o retrato da sua própria vida.

Adotou-se como objetivo geral analisar o papel da Literatura Popular na construção da representação do nordestino, na obra *Inspiração Nordestina*, de Patativa do Assaré. Para tanto, buscou-se identificar os elementos que levam à construção da figura do homem nordestino na obra; verificar a relação existente entre a Literatura Popular - enquanto campo de produção simbólica - e o eu-poético que produz a obra, a fim descobrir como essa ligação entre campo e autor influencia na obra poética deste e, por fim, averiguar os traços do conservadorismo que ajudam a compor a identidade do nordestino na obra.

Sendo assim, pretendeu-se responder à questão-problema: qual o papel da Literatura Popular na representação do nordestino em *Inspiração Nordestina*? Uma pressuposição para esse questionamento seria o fato de que a Literatura Popular mostra a realidade e história de um povo, levando em consideração que o próprio autor da obra literária popular representa e faz parte desse povo. Patativa do Assaré, colocando-se na situação de observador das condições reais do nordestino a sua volta, juntamente com a sua própria experiência de vida incorporada, transforma tudo isso em produção: a obra *Inspiração Nordestina*.

Com isso, pode-se dizer que a Literatura Popular funciona como o espaço social – o **campo** – no qual o autor (Patativa do Assaré) se encaixa ou está inserido. Ou seja, é o meio que possibilita ao autor a produção da obra, isto é, do **bem cultural**.

A instigação para esta pesquisa surgiu de um apreço pela Literatura Popular e, em especial, pela poesia do autor Patativa do Assaré que, com a sua simplicidade, soube fazer uma poesia crítica, social, carregada de sentimentos, comovente e excêntrica. Aguçou-se, assim, a curiosidade de se conhecer mais sobre a vida e a obra desse autor, além do desejo de aprofundar-se mais no campo da Literatura Popular.

Deve-se colocar, ainda, que a pesquisa em questão é de cunho bibliográfico e qualitativo, visto que se propôs a verificar o papel da Literatura Popular na obra “Inspiração Nordestina” e não são considerados dados estatísticos no processo de análise. Foram usadas as contribuições de autores como Bourdieu (1989, 1996, 2003, 2007), Cândido (2011), Nogueira (2004), Scruton (2015a, 2015b), entre outros. Escolheram-se quatro poemas para serem analisados: *A Triste Partida*, *Ilustríssimo Senhô Doutô*, *No meu Sertão* e *A terra é naturá*, por representarem, satisfatoriamente, o autêntico nordestino.

A pesquisa se apresenta obedecendo à seguinte estrutura: o primeiro tópico se destina a uma breve discussão sobre o autor Patativa do Assaré e a Literatura Popular, a fim de garantir um melhor entendimento do que foi tratado no decorrer da pesquisa; o segundo tópico vem trazendo a teoria sobre o conservadorismo, a partir da abordagem dada por Scruton, tendo em vista que Patativa do Assaré faz uma poesia conservadora, além de conceitos da teoria social do francês Pierre Bourdieu, teoria que foi necessária para se chegar a uma solução do problema apresentado, visto que ela situou Patativa do Assaré e a sua obra. Por fim, o terceiro e último tópico trouxe as análises dos quatro poemas, onde foi confirmada a hipótese levantada anteriormente e, assim, solucionada a questão proposta.

Logo, confia-se que este trabalho desperte, nos que o lerem, um interesse maior pelo campo da Literatura Popular e pela vasta obra do poeta Patativa do Assaré. Além disso, espera-se que esta pesquisa sirva também para levar conhecimento sobre o campo teórico usado, além de contribuir para a realização de outros trabalhos da mesma área.

## **1 A Ave do Sertão e a Literatura Popular**

Antônio Gonçalves da Silva, o Patativa do Assaré, nasceu na região do Cariri, na Serra de Santana, próximo ao município de Assaré, no dia 5 de março de 1909. Segundo filho do casal de agricultores Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, Patativa do Assaré, desde pequeno (oito anos de idade), trabalhou na roça e foi através da sua lida como agricultor que ele sobreviveu.

Descobriu ainda cedo a sua paixão pela poesia, como ele mesmo fala: “desde muito criança que sou apaixonado pela poesia, onde alguém lia versos, eu tinha que demorar para ouvi-los” (ASSARÉ, 2003, p. 11). O autor começou a compor com apenas treze anos e, com dezesseis, cantava versinhos que ele mesmo improvisava.

Sua vida era dividida entre o trabalho na roça e a produção e apresentação dos seus versos, porém ele não quis fazer profissão dessa última ocupação. Logo, pode-se dizer que o poeta tinha a lida no campo como o meio do seu sustento e a composição e exposição/cantoria dos versos eram uma distração para ele, como o próprio afirma em sua autobiografia, no livro *Inspiração Nordestina*: “Nunca quis fazer profissão de minha musa, sempre tenho glosado, cantado e recitado, quando alguém me convida para este fim” (ASSARÉ, 2003, p. 11).

Sobre a escolaridade do poeta, deve-se destacar que Patativa do Assaré frequentou a escola por pouquíssimo tempo, como ele afirma:

Com a idade de doze anos, frequentei uma escola muito atrasada, na qual passei quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Saí da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo para cá não frequentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando com as letras, quando dispunha de tempo para este fim. (ASSARÉ, 2003, p. 11).

Como se pode notar, o período em que o poeta frequentou a escola foi muito curto. Porém, como ele diz, não deixou de “lidar com as letras”, ou seja, mesmo deixando os estudos, Patativa nunca perdeu o interesse e a paixão pela leitura. Ele lia, inclusive, obras de autores renomados como Camões, Castro Alves, Machado de Assis, Olavo Bilac, entre outros.

Pode-se dizer que foi a partir dessas leituras que Patativa do Assaré se inspirou para a construção da forma de algumas das suas poesias, como os sonetos e as oitavas, por exemplo.

Quando Antônio Gonçalves tinha vinte anos, viajou para o Pará na companhia de um parente, José Alexandre Montoril, que estava passeando em Assaré. Chegando ao Pará, Antônio foi apresentado a José Carvalho e deste recebe o apelido de *Patativa* (ave do sertão nordestino) por causa da maneira que o poeta cantava os seus versos. Daí surge o nome artístico do jovem poeta cearense, que adiciona depois o *Assaré*, tornando-se assim, Patativa do Assaré.

Recomendado, através de uma carta, por José Carvalho à filha do poeta Juvenal Galeno, doutora Henriqueta Galeno - a quem mais tarde o poeta dedica uma poesia em seu primeiro livro -, Patativa do Assaré começa, por influência desta, a apresentar seus versos e

ganhar fama. Além disso, teve alguns de seus poemas musicados, como por exemplo, *A Triste Partida*, cantada, em 1964, por Luiz Gonzaga, o rei do Baião.

Toda a obra escrita de Patativa do Assaré divide-se em cinco livros de poesia: *Inspiração Nordestina* (1956), *Novos Poemas Comentados* (1970), *Cante lá que eu canto cá* (1978), *Ispinho e fulô* (1988) e *Aqui tem coisa* (1994).

Nessas produções, Patativa do Assaré canta o nordestino e o seu sertão, apresentando as condições de vida e os costumes desse povo, as belezas do nordeste, a religião, a seca, os animais, as festas populares e os acontecimentos cotidianos da gente do sertão cearense. Além disso, sua poesia apresenta uma revolta contra a injustiça e o descaso dos governantes com as camadas mais baixas da população, inclusive os agricultores nordestinos. Na fala de Assaré (2003, p. 12), “não tenho tendência política, sou apenas revoltado contra as injustiças, que venho notando desde que tomei algum conhecimento das coisas, provenientes talvez da política falsa, que continua muito fora do programa da verdadeira democracia”.

Logo, pode-se afirmar que Patativa do Assaré cantava a cultura do povo nordestino, o que incluía tudo que se passava na vida dessa gente. Além de apresentar as belezas e as tradições do Nordeste, o poeta levava para a sua poesia as dificuldades pelas quais os cearenses passavam: fome, miséria, êxodo rural, seca.

Sendo assim, pode-se dizer que Patativa do Assaré foi um poeta regionalista, que amava o sertão e, por isso, cantava o Nordeste e o seu povo. O autor levava para a sua poesia as virtudes que se faziam presentes no seu “torrão natal”, como ele chamava a Serra de Santana, ou seja, cantava desde a natureza à relação dos nordestinos com esta, as relações familiares e, a maior de todas as virtudes, a luta por justiça.

Para mais, deve-se colocar ainda que Antônio Gonçalves da Silva era um poeta conservador, que presava pela moral, pelos valores, pelos bons costumes, pela religião, pela família tradicional. Sendo assim, pode-se afirmar que um dos principais propósitos do autor foi mostrar essa face conservadora da cultura nordestina, face essa que ele defendia, seguia e admirava e, também, que se fazia presente entre o seu povo.

Uma característica em Patativa do Assaré é a capacidade de armazenar todos os seus versos na memória. Ou seja, trata-se de uma produção oral que só foi escrita anos depois, em 1956, no seu primeiro livro *Inspiração Nordestina*.

Acerca dessa literatura oral, pode-se dizer que se trata de uma marca da poesia popular, ou seja, isso significa que o poeta se comunica com o seu povo tanto através do discurso incorporado na sua poesia, como por meio da maneira de falar que esse povo e o próprio poeta utilizam. De acordo com Cavignac (2006, p. 69):

Quem diz não-erudito diz popular, logo grosseiro e rústico. Daí não falta senão um passo para aproximar essa literatura de sua cultura de origem: a de uma sociedade rural às vezes descrita como arcaica, mas sempre definida como tradicional; uma sociedade na qual o saber se transmite oralmente.

Como se vê, a Literatura Popular tem como uma marca fundamental a oralidade, como a poesia de Patativa do Assaré, que é feita tal qual a linguagem cotidiana do nordestino. Além disso, pode-se dizer que essa literatura é regional, isto é, geralmente traz as características de determinada região, nesse caso, do Nordeste brasileiro. A Literatura Popular é aquela na qual, muitas vezes, são representadas as condições de existência de grupos inferiores da sociedade, mostrando a cultura dessas pessoas, como elas vivem, fazendo comparações com as camadas superiores e, assim como faz o Patativa, buscando voltar a atenção das autoridades para as carências e as dificuldades enfrentadas por essa parcela da população.

A Literatura Popular, segundo Cascudo (1978, p. 26) é uma forma bem antiga de arte. Esse autor fala em duas literaturas: a **oficial**, que “obedece aos rigores modernos ou antigos” e a **popular**, que ele chama de “irmã mais velha” da primeira. Sobre esta ele diz o seguinte: “[...] a bem velha e popular age cantando, representando, dançando no meio do povo, nos terreiros das fazendas, nos pátios das igrejas nas noites de novena, nas festas tradicionais do ciclo do gado, nos bailes do fim das safras de açúcar, nas salinas, festa dos padroeiros [...]”. (CASCUDO, 1978, p. 26).

Por essa descrição, reforça-se a ideia de que a Literatura Popular se desenvolve em camadas inferiores da sociedade, onde o próprio Patativa estava inserido. Sendo assim, a Literatura Popular se refere ao meio/campo social adequado para que esse autor, que vivia em meio à realidade desse povo, entoasse seu canto.

Logo, ele cantava à maneira do seu povo e tinha consciência da simplicidade da sua poesia, como também sabia que esta levaria o leitor a uma reflexão sobre a cultura nordestina e as críticas feitas acerca das condições nas quais a sua gente se encontrava, como se pode notar nos versos a seguir:

Leitô, caro amigo, te juro, não nego,  
Meu livro te entrego bastante acanhado,  
Por isso te aviso, me escute o que digo,  
Leitô, caro amigo, não leia enganado.

[...]  
Tu nele não acha tarvez, com agrado  
Um trecho engraçado que faça uma escçôia,  
Mas ele te mostra com gosto e vontade,  
A luz da verdade gravada nas fôia.

(ASSARÉ, 2003, p. 13).

Como se pode ver, ao mesmo tempo em que o autor fala da simplicidade dos seus versos, ele enfatiza que estes trazem a verdade da cultura de um povo e, por isso, merecem ser lidos e valorizados. Apesar da linguagem simples e popular, a sua poesia é tão importante quanto a poesia clássica, pois traz temas sociais que devem ser conhecidos e entendidos.

Dessa forma, pode-se afirmar que Patativa do Assaré produz Literatura Popular, uma literatura que comunica e, ao mesmo tempo, denuncia; uma literatura regionalista, social e, por isso, uma expressão de arte. Ou seja, Patativa revela nas suas obras o caráter social da arte, o qual, de acordo com Cândido (2011, p. 30), acontece porque sempre há uma influência do meio externo e, além disso, seja qual for a produção artística, sempre vai gerar nos indivíduos que a lerem um “efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo”.

Por fim, constata-se que a literatura de Patativa é aquela dos terreiros, das calçadas, das noites de São João, das farinhadas, das colheitas fartas no sertão, das festas religiosas, das crenças, dos valores de um povo. É a literatura do povo pobre, cheio de virtudes, do povo acolhedor e cheio de esperança por dias melhores. É a voz do povo nordestino, a voz da cultura popular: é a Literatura Popular.

## **2 A ação do *habitus* de um poeta popular conservador: o conservadorismo como tema simbólico do campo de produção na obra *Inspiração Nordestina***

De início, antes de partir para a análise das poesias de Patativa do Assaré, cabe conhecer primeiro a abordagem conservadora da qual esse autor faz parte e trata nas suas produções. Em seguida, entrar-se-á no campo em que a produção desse autor está inserida, a fim de entender todo o processo de criação desta.

Para isso, fez-se, primeiramente, uma breve introdução sobre o conservadorismo, a partir do filósofo e escritor inglês Roger Scruton (2015a, 2015b). Com isso, viu-se o porquê de a poesia de Patativa do Assaré ser considerada conservadora e como essa poesia é inserida em um campo de produção simbólica. Além disso, foram abordados cinco conceitos-chave, a saber, *habitus*, campo, bem cultural, capital cultural, capital simbólico, do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1989, 1996, 2003, 2007), que foram importantes para a compreensão da proposta dessa pesquisa.

Para Scruton (2015a, p. 52), o conservadorismo é “uma cultura de afirmação. Diz respeito às coisas que valorizamos e que queremos defender”. Trazendo essa questão para a poesia de Patativa do Assaré, convém destacar duas “instituições”: **família** e **religião**, que aparecem na obra patativana, como se verá com as análises dos poemas, e são defendidas pela abordagem conservadora.

Em relação à família, pode-se afirmar que esta instituição faz parte do campo de defesa do conservadorismo, pois Scruton (2015b, p. 227) defende que é da família que se origina o respeito próprio e, por isso, ela é a primeira instituição pela qual se percebe o mundo social. Sendo assim, pode-se afirmar que uma família desestruturada ou uma “ausência da família” é um pré-requisito para uma sociedade desordenada. Scruton (2015b, p. 228) afirma ainda que:

O que é alcançado pela família não pode ser alcançado de outra forma. A família é, assim, insuflada com valores concretos provendo a cada um de seus participantes de uma fonte sem-fim de objetivos racionais, que não podem ser especificados previamente, mas que nascem das realidades da vida em família.

Em vista desse fato, pode-se dizer que é com a família que se aprende as noções de respeito, de educação; é da família que os indivíduos saem com seus valores e com uma cultura formada. Patativa do Assaré traz a família na sua poesia, pois a cultura nordestina é toda baseada em princípios familiares, ou seja, há uma defesa e um respeito por essa instituição. Logo, o próprio autor, assim como o seu povo, mostra-se defensor da família tradicional, assim como será mostrado em alguns dos seus poemas.

Acerca da segunda instituição, de acordo com Scruton, a religião é considerada uma “esfera de valor” (SCRUTON, 2015a, p. 162). A religião é das tradições/instituições que estimulam uma responsabilidade recíproca, ou seja, subentende-se que, juntamente com a questão da religiosidade, vem à tona o respeito, a preservação, a moral. O indivíduo passa ter contato com o sagrado e, com isso, ele forma uma conduta e adquire maneiras de agir que podem estar relacionadas a essa instituição.

Patativa do Assaré traz a religião cristã católica de maneira bem clara na sua poesia. Revela que a maneira de agir do povo nordestino está ligada, de certa forma, à tradição religiosa, visto que há uma preocupação em praticar boas ações e um repúdio a quem não segue as leis do evangelho, como se verá na análise da obra.

Ainda segundo Scruton (2015b, p. 84), todo instinto conservador defende as tradições que “[...] surgem e exigem respeito onde quer que os indivíduos procurem se relacionar com

algo transcendente. Elas surgem em clubes e sociedades, na vida local, na religião e nos costumes familiares, na educação e em toda instituição em que as pessoas são postas em contato com seus semelhantes”.

Pode-se afirmar que o conservadorismo está presente na ação do *habitus* do poeta, ou seja, este incorporou elementos dos costumes conservadores, presentes no meio social em que ele viveu e os levou para a sua poesia e, com isso, revelou a sua identidade e de seu povo.

Necessário entender o percurso de Patativa do Assaré até à conclusão de uma obra literária e, assim, perceber como esse autor conservador conseguiu adentrar em um campo de produção simbólica. Buscou-se, para tanto, nos aportes teóricos de Pierre Bourdieu, conceitos que pudessem explicar a modelação desse percurso.

A começar pelo *habitus*, que se refere a elementos que se têm incorporados, formados em uma determinada realidade social, que influenciam na maneira de agir do indivíduo. Ou seja, com base nisso, pode-se dizer que a formação do *habitus* é resultado de tudo que o sujeito incorpora do meio social no qual está inserido. Logo, pode-se afirmar que cada pessoa, dependendo da sua posição social, possui um conhecimento adquirido e diferenciado de outras pessoas e, esse conhecimento, ou *habitus*, vai influenciar diretamente nas ações desse indivíduo. Segundo Bourdieu (1996, p. 364), “o *habitus* é o princípio da estruturação social da existência temporal, de todas as antecipações e pressuposições através das quais construímos praticamente o sentido do mundo, isto é, sua significação, mas também, inseparavelmente, sua orientação para o *por-vir*”.

Vê-se que o *habitus* do sujeito faz com que este aja conforme o meio no qual ele está inserido. Essa ação, que é realizada pelo indivíduo até mesmo sem perceber, ou seja, inconsciente e naturalmente, seria o suficiente para evidenciar, por exemplo, o grupo social a que pertence essa pessoa.

Além disso, sobre essa relação temporal do *habitus*, pode-se dizer que se refere ao ajuste deste às novas condições que podem vir a surgir, isto é, segundo Nogueira (2004, p. 28) o *habitus* deve ser flexível e, por isso, o sujeito deve reformulá-lo ou adaptá-lo as suas ações e às situações diferentes das que esse indivíduo está acostumado. Com isso, fica claro que o *habitus* deve se adequar com o tempo, ou seja, com questões do *por-vir*.

Sendo assim, pode-se dizer que, no caso de Patativa do Assaré, o seu *habitus* seria formado pela sua vivência enquanto homem sertanejo e nordestino, agindo conforme os costumes que lhe foram incorporados, mostrando assim, a sua identidade. Logo, pode-se afirmar que o *habitus* desse autor influencia diretamente na sua produção, visto que Patativa canta o sertão nordestino no qual ele próprio está inserido e, também, canta o nordestino à sua

imagem, pois o próprio autor vivenciava a realidade nordestina que aparece nas suas poesias. Logo, diz-se que ele leva o seu *habitus* à sua obra, tendo em vista que fala nas suas poesias da sua própria maneira de viver.

Partindo para a noção de *campo*, entende-se que este se refere ao espaço social em que os bens são produzidos. Bourdieu (1989, p. 12) fala em sistemas simbólicos (religião, arte, ciência, mito, língua) que, segundo ele, “distinguem-se conforme sejam produzidos e apropriados pelo conjunto do grupo ou, pelo contrário, por um corpo de especialistas e, mais precisamente, por um campo de produção e circulação relativamente autônomo”.

Com isso, pode-se dizer que nos vários campos existentes, os bens neles produzidos são hierarquizados a todo o momento e, assim, uns são considerados superiores a outros. Segundo Nogueira (2004, p. 37-38), “cada campo de produção simbólica seria, então, palco de disputas – entre dominantes e pretendentes – relativas aos critérios de classificação e hierarquização dos bens simbólicos produzidos e, indiretamente, das pessoas e instituições que os produzem”.

Dessa maneira, compreende-se que a Literatura Popular é o campo de produção da obra do autor Patativa do Assaré. E, além do mais, constata-se que este campo está diretamente relacionado com a cultura popular, isto é, com a classe da qual Antônio Gonçalves fazia parte. Bourdieu (1996, p.15) destaca o seguinte sobre o campo literário: “[...] compreender a gênese social do campo literário, da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que aí se joga, dos interesses e das apostas materiais ou simbólicas que aí se engendram não é oferecer sacrifícios ao prazer de reduzir ou de destruir. [...] É simplesmente olhar as coisas de frente e vê-las como são”.

De acordo com isso, pode-se falar na questão de “poder” dentro do campo literário. Isto é, as produções desse campo, e de qualquer outro campo, são selecionadas conforme a maneira como são vistas e apreciadas pela sociedade que as lê. Como diz Bourdieu (1996, p. 16), cada campo possui uma necessidade social, ou seja, há campos que exigem mais e outros menos. Logo, volta-se à questão da disputa e hierarquização nos vários campos.

Sobre o *bem cultural*, pode-se definir como obras de arte, livros, músicas, língua, maneira de se comportar, entre outros. E, dentre esses, há os que ganham destaque, geralmente os que são parte do “cotidiano” dos grupos dominantes, pois, de acordo com Nogueira (2004, p. 35), as produções simbólicas funcionam como uma “reprodução das estruturas de dominação social”.

Ainda de acordo com Nogueira (2004, p. 40), se o sujeito aprecia, produz e tem posse desses bens culturais ditos “dominantes”, ele desenvolve o que Bourdieu chama de *capital*

*cultural*. Além disso, pode-se dizer que quanto maior o conhecimento do indivíduo por assuntos variados, maior é o seu capital cultural. Sobre esse, Bourdieu apresenta três estados: o **capital cultural incorporado**; o **objetivado**; e o **institucionalizado**.

Sobre o estado incorporado, Bourdieu (2007, p. 74-75) diz que o capital cultural é parte “integrante da pessoa”, funcionando como o *habitus*. Logo, pode-se dizer que, assim como o *habitus*, é o que está internalizado no indivíduo: sua maneira de agir, de acordo com o lugar onde vive e grupo social a que pertence, suas crenças, sua cultura. Já a respeito do estado objetivado, Bourdieu (2007, p. 77) declara que “o capital cultural no estado objetivado detém um certo número de propriedades que se definem apenas em uma relação com o capital cultural em sua forma incorporada. O capital cultural objetivado em suportes materiais, tais como escritos, pinturas, monumentos etc., é transmissível em sua materialidade”.

Tendo isso em vista, pode-se afirmar que de acordo com o nível de conhecimento de capital incorporado que os sujeitos possuem, é que o capital objetivado fará sentido e será mais dominado. Segundo Bourdieu (2007, p. 78), o capital objetivado só existe na medida em que o capital incorporado se faz presente.

Por fim, sobre o estado institucionalizado, Bourdieu (2007, p. 78) diz que se trata da “objetivação do capital cultural sob a forma do diploma”. Isto é, diz respeito à posse material, à prova de que o sujeito teve conhecimento de determinado capital cultural, por exemplo, um certificado/diploma escolar ou outros “documentos” que comprovem a presença desse capital.

Trazendo essa questão do capital cultural para a proposta desse trabalho e vendo a obra *Inspiração Nordestina* como o bem cultural, cabe falar que Patativa do Assaré, ao produzir sua obra, utilizou-se de dois desses capitais: o objetivado e, principalmente, o incorporado, ou seja, o seu *habitus*.

Afirma-se isso, pois esse autor que foi alfabetizado pelo livro de Felisberto de Carvalho<sup>4</sup>, embora não soubesse escrever bem e tivesse passado pouco tempo na escola, desde cedo teve gosto pela leitura e teve contato com vários poetas renomados, como Camões, Olavo Bilac, Bocage, entre outros. Nesse contado, pode-se dizer que se desenvolveu aí o seu capital objetivado, visto que ele passou a conhecer e apreciar a estrutura e os assuntos das obras desses escritores.

Já o capital incorporado é o que está mais presente na sua poesia. Patativa do Assaré leva uma parte de si para a sua obra, isto é, de acordo com Bourdieu (2007, p. 75), ele “pagou com sua própria pessoa e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo”. Ou seja, ele

---

<sup>4</sup> Livro escolar de leitura adotado no Brasil no final da década de 50, século XX.

colocou na sua criação características do nordestino, a cultura, os costumes e as tradições deste. Assim, tendo em vista que ele faz parte desse povo, seus poemas são criados à sua própria imagem e reforçam a sua identidade nordestina.

A Literatura Popular é o campo pelo qual o autor mostra as dificuldades enfrentadas pelo nordestino, a começar pela diferença econômica que se faz presente na sociedade. Logo, Patativa do Assaré representa o seu povo, fala por este, dá voz a sua gente, a fim de se fazer ouvido.

Sobre isso, entra em questão aqui o *capital simbólico* que, de acordo com Pereira (2012, p. 47), refere-se ao prestígio ou reconhecimento, em círculos sociais dominantes, que alguém recebe. Trazendo para Patativa do Assaré, pode-se dizer que este já se fazia notado pelo seu povo, porém, somente quando voltou do Pará, que foi recomendado a Henriqueta Galeno e começou a se apresentar em salões muito frequentados, foi que a sua canção passou a ganhar mais fama e, com isso, capital simbólico. Sobre este, Bourdieu (1989, p. 145) afirma que “o capital simbólico – outro nome da distinção – não é outra coisa senão o capital, qualquer que seja a sua espécie, quando percebido por um agente dotado de categorias de percepção resultantes da incorporação da estrutura da sua distribuição, quer dizer, quando conhecido e reconhecido como algo óbvio”.

Dessa forma, pode-se dizer que o capital simbólico é também o capital cultural reconhecido, ou seja, é a produção de Patativa do Assaré quando entendida como verdadeira, “óbvia” e “natural” por outras pessoas (além do próprio povo para quem essa criação é destinada). Assim, é quando toda a canção do poeta é vista como importante, digna de atenção e admiração.

A seguir, essas informações serão comprovadas com as análises de quatro poemas do autor.

### **3 Uma viagem pelo sertão de Patativa do Assaré**

Neste tópico, foram analisados quatro poemas da obra *Inspiração Nordestina*, de Patativa do Assaré, na seguinte ordem: *A Triste Partida*, *Ilustríssimo Senhô Doutô*, *No meu Sertão* e *A terra é naturá*.

### 3.1 A *Triste Partida*: o drama da saída do Nordeste da sua terra natal

O poema *A triste partida* surgiu, primeiramente, na obra *Cante lá que eu canto cá e*, atualmente, aparece também no primeiro livro de Patativa do Assaré - *Inspiração Nordestina* – e nas obras *Ispinho e fulô*, *Melhores poemas* e *Cordel*.

Musicado, em 1964, por Luiz Gonzaga e considerado um dos poemas mais conhecidos da criação patativana, *A Triste Partida* apresenta-se na linguagem popular, é escrito em sextilhas e traz como tema central o êxodo rural enfrentado por uma família de nordestinos, no período da seca.

Com a leitura do poema, viu-se a conveniência de dividi-lo em três partes: uma primeira que traz a fé do nordestino em esperar que a chuva venha e ele não seja obrigado a partir do sertão com a família; uma segunda parte que apresenta a decisão do sertanejo de viajar para o sul, mesmo sem querer, levando toda a família, visto que há uma possibilidade de uma seca cruel no sertão; por fim, a terceira parte já mostra o nordestino no sul, sofrendo de saudade da sua terra natal.

A fim de que haja uma maior organização e entendimento do poema, essas três partes apresentadas acima serão tratadas em tópicos distintivos.

#### 3.1.1 A Religiosidade do povo Nordeste

A poesia de Patativa é carregada de elementos religiosos que apontam uma cultura de fé. No poema em análise, percebe-se que, nos momentos de lamentação por causa da falta de chuva, há sempre recorrências às divindades cristãs católicas.

- 1 Setembro passou, com outubro e novembro,
- 2 Já tamo em dezembro.
- 3 Meu Deus, que é de nós?
- 4 Assim fala o pobre do seco Nordeste,
- 5 Com medo da peste,
- 6 Da fome feroz.
  
- 7 A treze do mês ele fez experiência,
- 8 Perdeu sua crença
- 9 Nas pedras de sá.
- 10 Mas nota experiência com gosto se agarra,
- 11 Pensando na barra
- 12 Do alegre Natá.
  
- 13 Rompeu-se o Natá, porém barra não vêio,
- 14 O só, bem vermêio,
- 15 Nasceu munto além.

16 Na copa da mata buzina a cigarra,  
 17 Ninguém vê a barra,  
 18 Pois barra não tem.

[...]

25 Apela p'ra maço, que é o mês preferido  
 26 Do Santo Querido,  
 27 Senhô São José.  
 28 Mas nada de chuva! Tá tudo sem jeito,  
 29 Lhe fuge do peito  
 30 O resto da fé.  
 (ASSARÉ, 2003, p. 51-52)

Destacam-se, nessas estrofes, o lamento e o medo do nordestino que vê os meses passando e a falta de chuva no seu sertão, conforme exposto nos versos 1 e 2 da primeira estrofe. O eu poético traz a história e as memórias do nordeste, apresentando uma situação real da qual ele já foi testemunha, pois, ele também é esse povo e vive nessa região.

Na segunda estrofe, há uma escolha do dia treze do mês de dezembro para fazer “esperiência”. A preferência justamente por essa data, certamente tem alguma relação com a comemoração do dia de Santa Luzia, visto que o povo do interior nordestino é bastante religioso. Em seguida, nos versos 10-12, o sertanejo continua na esperança de chuva e, mais uma vez, se apega a outra data religiosa: o Natal, em que se comemora o nascimento de Jesus.

Pode-se ver a forte religiosidade cristã católica presente nessas estrofes, visto que sempre há uma recorrência a Deus ou a algum santo, conforme os versos 3, 25 a 27.

De acordo com Scruton (2015, p. 153), “nós, humanos, criamos e fazemos os valores por meio das tradições, dos costumes e das instituições que consagram e promovem a responsabilidade mútua”. A religião é uma dessas tradições e instituições. Dessa maneira, pode-se dizer que a religião expressa os valores de uma população, assim como acontece na poesia de Patativa do Assaré.

Logo, expõe-se, no discurso desses versos, que o Nordestino, na condição de preservador das tradições, pode ser considerado um conservador, visto que preza pela religião, a qual sempre aparece nas poesias desse autor, e a considera uma esfera de valor moral e necessária.

### 3.1.2 A migração nordestina

A falta de alimentos e de água é um dos principais motivos pelos quais o nordestino migra com a família para outra região. Nos versos seguintes, ver-se-á que a seca é considerada

pelo eu-poético a principal causadora da saída da família do seu torrão natal para uma cidade do “Sú”.

37 Nós vamo a Sã Palo, que a coisa tá feia;  
 38 Por terras alêia  
 39 Nós vamo vagá.  
 40 Se o nosso destino não fô tão mesquinho,  
 41 Pro mêrmo cantinho  
 42 Nós torna a vortá.

[...]

49 Em riba do carro se junta a famia;  
 50 Chegou o triste dia,  
 51 Já vai viajá.  
 52 A sêca terrive, que tudo devora,  
 53 Lhe bota pra fora  
 54 Da terra natá.

[...]

79 E assim vão dêxando, com choro e gemido,  
 80 Do berço querido  
 81 O céu lindo e azú.  
 82 Os pai pesaroso, nos fio pensando,  
 83 E o carro rodando  
 84 Na estrada do Sú.  
 (ASSARÉ, 2003, p. 52-53).

Nesses versos, especialmente nos 38 a 42, vê-se a decisão difícil de deixar a terra natal por causa da seca, o receio do que possa acontecer com essa família no sul e, ao mesmo tempo, a esperança de retornar ao sertão.

Outro tema que esses versos trazem é a desatenção do Estado com a região Nordeste, o que causa a dura realidade que obriga o nordestino a deixar sua terra, principalmente, por falta de alimentos. A abordagem da negligência do Estado é comum nos poemas de Patativa do Assaré, como se pode ver no poema “A política”:

Vendo o camponês coitado,  
 O seu candidato eleito  
 Fica muito satisfeito,  
 Espera um bom resultado.  
 Porém, se um ano flagelado  
 Assola o nosso sertão,  
 O pobre fica na mão,  
 Não há quem o favoreça,  
 Vai de trouxa na cabeça  
 Escapar no Maranhão.  
 (ASSARÉ, 2003, p. 234).

Sendo assim, pode-se constatar que o maior empecilho no sertão não é culpa da seca, e sim, da falta de preparo econômico do nordeste para suportar passar por esse período. De

acordo com Nogueira (2017, p. 85), a região nordeste possui um “sistema econômico estruturalmente vulnerável e instável, inadaptado ao meio”. Dessa forma, depois que uma seca se fixa nessa região, as famílias não aguentam ficar por muito tempo no sertão, visto que não possuem meios para sobreviver com a estiagem por períodos prolongados.

Além disso, observa-se também outro discurso presente nesses versos: o discurso familiar, que é comum nas poesias do autor. Nota-se que há sempre uma alusão à família, como se constata nos versos 49 e 82.

O autor traz para o discurso poético as memórias sociais do nordestino e, assim, vai sendo formada a identidade dessa gente e a sua própria identidade, visto que ele faz parte desse povo e transforma o seu capital cultural incorporado em poesia.

Portanto, pode-se dizer que o discurso do poeta está na incorporação do meio social no qual ele se encontra, ou seja, no seu *habitus*. No caso da poesia de Patativa do Assaré, por exemplo, o discurso está em tudo que ele e os outros nordestinos ao seu redor vivem. Embora o autor diga à sua maneira e usando a sua linguagem discursiva, é a vida social deste que o envolve e o faz produzir esses discursos.

Logo, percebendo que Patativa do Assaré faz parte dessa mesma realidade do povo nordestino que ele descreve, pode-se dizer que o autor converteu a sua vivência social internalizada, o seu *habitus*, em poesia, em Literatura Popular. No poema *Cante lá, que eu canto cá*, o poeta afirma: “Pra gente cantá o sertão / Precisa nele morá” (ASSARÉ, 2003, p. 276).

### 3.1.3 Saudade do Sertão

Nos seguintes versos vê-se o sofrimento enfrentado pelo pobre nordestino quando este chega à cidade. Percebe-se que o sertanejo não consegue se acostumar à nova terra e sente saudades do seu torrão natal.

**85** Chegaro em Sã Palo – sem cobre, quebrado.

**86** O pobre, acanhado,

**87** Procura um patrão.

**88** Só vê cara estranha, da mais feia gente,

**89** Tudo é diferente

**90** Do caro torrão.

**91** Trabaia dois ano, três ano e mais ano,

**92** E sempre no prano

**93** De um dia inda vim.

**94** Mas nunca ele pode, só véve devendo,

**95** E assim vai sofrendo

96 Tromento sem fim.

[...]

103 Do mundo afastado, sofrendo desprezo,

104 Ali véve preso,

105 Devendo ao patrão.

106 O tempo rolando, vai dia, vem dia,

107 E aquela famia

108 Não vorta mais não!

109 Distante da terra tão sêca tão boa,

110 Exposto à garoa,

111 À lama e ao paú,

112 Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,

113 Vivê como escravo,

114 Nas terra do Sú.

(ASSARÉ, 2003, p. 54)

Essa terceira parte do poema mostra a chegada à cidade de São Paulo e o estranhamento que a família tem, como disposto nos versos 88 a 90. O sertanejo vai logo à procura de um patrão, o que indica que ficará submisso a este, será explorado, mal remunerado e, por isso, ficará devendo e sem esperança de voltar à sua terra.

O sertanejo, longe da sua terra, da sua cultura e das suas tradições, sente-se “Do mundo afastado, sofrendo desprezo” (v. 103), isto é, além da saudade do seu torrão natal, o nordestino sofre também com a desigualdade social, que pode ser vista nesse discurso quando se fala em patrão e escravo. Mesmo sendo vítima dessa desigualdade ainda no sertão (fazendeiro x agregado), o nordestino era feliz porque estava na sua terra de origem.

Tudo na terra do “Sú” desagrade ao nordestino, que chega a declarar preferência pelo clima da sua “terra tão sêca e tão boa” (v.109), enquanto o causa desprazer o clima da cidade de São Paulo. Logo, o fim dessa família sertaneja é continuar no “Sú”, com saudade da sua terra, recebendo um tratamento escravo e ter que se contentar apenas com as notícias que vêm do sertão.

De acordo com Albuquerque Jr. (2009, p. 178), *A triste partida* se associa com a saudade do lugar de origem e o medo da cidade grande. O nordestino leva para o Sul todos os seus valores de origem rural, a religiosidade, a importância que ele dá às relações familiares e, ao partir para outra terra, fica com receio de como os seus costumes serão recebidos e aceitos.

Ainda sobre a religiosidade e a importância que Patativa do Assaré dá às questões que envolvem a família, pode-se dizer que isso se mostra, pois, o autor traz o conservadorismo presente nos nordestinos e nele mesmo. De acordo com Scruton (2015a, p. 41), o conservadorismo é a filosofia do elo afetivo. Estamos sempre ligados às coisas que amamos e queremos proteger. Pode-se dizer que Patativa do Assaré traz esses valores (religiosidade e

importância da família), através do eu poético, para que eles se tornem conhecidos e admirados e não venham a se perder, fortalecendo sempre a identidade do seu povo, a sua identidade e realiza, com isso, uma prática educativa.

A religião, por exemplo, na visão conservadora, conforme Scruton (2015a. p. 155), “desempenha um papel inegável na vida da sociedade, introduzindo as ideias do sagrado e do transcendental que espraiam influência em todos os costumes e cerimônias associativas”. Sendo assim, pode-se afirmar que a recorrência à religião que Patativa do Assaré apresenta em sua poesia, demonstra um costume presente na vida social desse povo nordestino; o fato deste estar sempre apegado a princípios religiosos para fazer previsões e pedir ajuda, indica que a religiosidade é conservada para o sertanejo.

Pode-se dizer que esse poema está carregado de “manifestações simbólicas da identidade social” (Bourdieu, 1989, p. 124) de um povo, visto que aborda questões de interesse deste: família, religiosidade, Estado negligente, seca, saudade do sertão.

### **3.2 *Ilustríssimo Senhô Doutô: do matuto do sertão para o doutô da capitá***

O poema *Ilustríssimo Senhô Doutô* aparece nos livros *Inspiração Nordestina* e *Aqui tem coisa*. O poema apresenta-se na linguagem popular ou variante matuta e é escrito em décimas. Essa poesia foi escrita como uma carta para alguém que mora no Sul, a quem o eu-poético chama de “senhô doutô”.

No poema, percebe-se uma comparação do sertão com a capital e dos costumes das pessoas desses dois lugares, enfatizando as vantagens de ser sertanejo e morar no nordeste brasileiro.

[...]

11 Mas eu quero lhe contá  
 12 As coisa aqui cumo é.  
 13 Eu pertenço ao Ceará,  
 14 Nasci aqui no Assaré  
 15 Mas porém Deus que é bondoso  
 16 E misericordioso,  
 17 E é potretô munto exto,  
 18 Graças à bondade sua  
 19 Não nasci dento da rua,  
 20 Foi aqui mêrmo nos mato.

[...]

41 Nesta boa terra nossa,  
 42 No tempo das invernada  
 43 Bora jirmum, chega a roça  
 44 Fica toda encaroçada.

45 Melancia, ninguém conta,  
 46 Pra todo lado se encontra  
 47 Uma fartura tamanha,  
 48 A gente goza um prazê  
 49 Que eu sou capaz de dizê  
 50 Que o Paraíso não ganha.

51 Não sendo em tempo de fome  
 52 Senhô dotô, pode crê:  
 53 Nesta terra o cabra come  
 54 Intá a barriga enchê,  
 55 Nem carne, nem macarrão,  
 56 Mas porém mio e feijão,  
 57 E farinha é à vontade.  
 58 Ninguém come de ração  
 59 Cumo se faz nas pensão  
 60 Lá das rua da cidade.

61 Eu não tou fazendo pôco  
 62 Lá da sua capitá;  
 63 Mas quando um pobre caboco  
 64 Tem percisão de andá lá;  
 65 Se não levá sua rede  
 66 Drome no pé da parede.  
 67 Ôtas vêz o pobre inté  
 68 Com tanta dor de cabeça,  
 69 E não acha quem lhe ofereça  
 70 Uma chicra de café.  
 (ASSARÉ, 2003, p. 71-73)

Vê-se nesses versos, primeiramente, a apresentação feita pelo autor do seu lugar de origem, nos versos 13 e 14. Em seguida, o autor faz um agradecimento a Deus pelo fato de este ter permitido que ele nascesse no sertão e não na cidade, o que mostra o seu apego ao lugar de origem, indicando o forte regionalismo que se faz presente. Além disso, mantém-se o discurso religioso típico de Patativa do Assaré, indicando a sua religiosidade e mostrando que este é um dos principais valores formadores da identidade nordestina.

O autor continua a “carta” falando das vantagens da sua terra no tempo de inverno bom (versos 45 a 47). Além disso, há outro momento de revelação da tradição religiosa quando o autor faz uma comparação do seu sertão com o Paraíso, recorrendo novamente a um conceito de religiosidade (versos 48 a 50). Dessa maneira, está-se diante de mais uma abordagem conservadora na obra do autor, tendo em vista que, de acordo com Scruton (2015a, p. 158), os conservadores:

[...] reconhecem que muito daquilo que valorizamos é marcado pelas origens religiosas. Muitas das mais importantes causas conservadoras incluem a tentativa de preservar uma herança das coisas consagradas cuja aura nos é preciosa [...] Por isso, os conservadores são ativos na defesa da zona rural contra os agentes do progresso, na conservação de cidades e construções históricas [...].

Vê-se nesses versos tanto a forte religiosidade como também uma elevação das coisas e costumes do povo do campo – assim como o alimento produzido nas terras do sertão - em relação ao tratamento das pessoas da cidade grande e à comida desse lugar. Isso continua a se comprovar nos versos que se seguem, mostrando o “acolhimento” que o nordestino recebe do povo da “capitá”, versos 67 a 70.

Nos versos seguintes, o eu-poético apresenta o acolhimento do povo do sertão, além do privilégio de ser nordestino e poder participar das festas típicas dessa região. Logo, percebe-se que o foco sai do povo da “capitá” e passa para o sertanejo.

**71** Apois aqui, seu dotô,  
**72** Chegando um home de lá,  
**73** Tem comida a seu favô  
**74** Sem precisa de comprá. [...]

**81** E enquanto prepara a bóia  
**82** O paidégua engruvatado  
**83** Se espicha numa tipóia,  
**84** Mêrmo de pé espaiado.  
**85** E menino ali não fala,  
**86** Nem ninguém pisa na sala  
**87** Mode ele pudê drumi. [...]

[...]  
**101** Tou lhe contando a certeza  
**102** Das coisa do meu sertão,  
**103** Aqui ninguém tem riqueza  
**104** Mas porém tem munta ação. [...]

[...]  
**121** Vossemincê arrepare,  
**122** O que eu lhe digo é exato,  
**123** Não tem com que se compare  
**124** Um São João aqui nos mato.  
**125** O sertão é todo festa,  
**126** Coisa boa como esta  
**127** Ninguém pode avaliá.  
**128** Não háí neste mundo intêro  
**129** Nem no Rio de Janêro,  
**130** Na festa do carnavá.

[...]  
**135** Vossemincê expremeente  
**136** Promode fica ciente  
**137** Das cabôca cumo é.  
**138** Elas têm um certo agrado,  
**139** Um oiá tão delicado  
**140** Que a gente fica paié.

[...]  
**151** E os poeta de vantage  
**152** Deste mundo bem de longe,  
**153** Cumo Mané de Bocage  
**154** E seu Luís de Camonge,

**155** Tarvez não se atreva ainda  
**156** Cantá tantas coisa linda  
**157** Do meu amado sertão,  
**158** Principarmente no dia  
**159** Do festejo e da alegria  
**160** Da fogueira de São João.  
 (ASSARÉ, 2003, p. 73-76).

Expõe-se a maneira como o nordestino trata alguém da “capitá” que chega ao sertão e, com isso, fica clara a distinção entre as culturas (urbana x rural), visto que o sertanejo é mais receptivo (versos 72 a 74). Repara-se que, ao contrário das pessoas da capital, o sertanejo trata o visitante com muito zelo e não o deixa faltar nada.

Identifica-se, mais uma vez, a questão do discurso social incorporado pelo autor. Nesses versos, Patativa coloca o seu *habitus* em ação, tendo em vista que expõe a tradição do seu povo, que é a sua própria tradição e, para mais, traz ainda a vivência das pessoas da cidade grande, se posicionando a favor dos costumes nordestinos.

Levando em consideração que o *habitus* é o resultado da captação do meio social juntamente com uma apreciação subjetiva desse meio, pode-se dizer que a ação do *habitus* de alguém parte do inconsciente. De acordo com Bourdieu (2003, p. 78). “o inconsciente é história”, pois o que se passa nele é aplicado “espontaneamente” ao mundo social. Sendo assim, Patativa do Assaré adota em sua poesia a história do espaço no qual ele viveu, do sertão nordestino e seu povo, do próprio autor.

O eu-poético vai apresentando, no decorrer dos versos, vários costumes dos nordestinos quando têm visita em casa, moldando a identidade destes e fortalecendo o regionalismo presente na poesia, como se percebe nos versos 81 a 87.

Além do zelo que o nordestino tem com os seus visitantes, nota-se mais um traço de conservadorismo presente na cultura nordestina: a educação das crianças. Estas moldam seu comportamento à maneira como querem os seus pais, ou seja, obedecendo a estes. De acordo com Scruton (2015b, p. 73), a família é uma das principais instituições por meio das quais os hábitos de obediência são adquiridos e, por isso, é tão protegida pelos conservadores.

O poeta faz um contraste entre alguns elementos das duas culturas – da cidade grande e do sertão: riqueza x pobreza; carnaval x São João. Estando diante do campo discursivo cultural, percebe-se que o poeta intercede em favor das tradições do Nordeste.

Patativa do Assaré, acerca desses elementos contraditórios das duas culturas, vai reconhecendo dentro do discurso poético que o nordestino possui bons costumes, ao contrário do povo da capital (v. 101-104). Dessa forma, coloca-se, apesar das condições financeiras do sertanejo, que este é dotado de mais receptividade e hospitalidade do que a gente da “capitá”.

Em seguida, vem o contraste entre as principais festas dessas duas culturas. O autor deixa claro que a festa de São João é melhor do que o carnaval da cidade, conforme os versos 123 a 130. Observa-se nesses versos um forte caráter regionalista, visto que há uma descrição e defesa de uma tradicional festa nordestina.

O autor menciona também a cabocla do sertão, versos 135 a 140. Percebe-se que não há alusão às formas do corpo da mulher, e sim, ao olhar, indicando pureza da mulher nordestina cantada, o que se pode ver em outros poemas do autor, como é o caso de *Cabôca da minha terra*, do livro *Inspiração Nordestina*:

Pensando no casamento,  
Vêve cheia de prazê,  
O bêjo do atrevimento  
Não gosta de recebê.  
Não gosta de certas graça  
E muntas vêz até passa  
Dez ano sem namorá,  
Esperando o noivo amado  
Que saiu de seu Estado  
Pras banda do Paraná.  
(ASSARÉ, 2003, p. 346).

Verifica-se na estrofe mais um costume, uma tradição nordestina - a conservação da pureza da mulher -, que difere da cultura das moças da cidade grande. Conforme Scruton (2015a, p. 72), os conservadores prezam muitas tradições que, segundo eles, “resgatam a vida humana do mercado”. E uma dessas tradições pelas quais eles zelam é “a moralidade sexual tradicional”, a qual se refere à “santidade da pessoa humana”, tendo em vista a noção de que “é sagrado o que não tem preço”. Logo, as famílias do sertão conservam a questão de que o corpo é sagrado e não tem preço e, sendo assim, o sexo não deve acontecer antes do voto de amor feito no casamento, ou seja, consideram pecado “ceder” o corpo em troca da permanência da relação.

Por fim, tendo em vista todo o regionalismo, as tradições, os costumes nordestinos presentes nesse poema, pode-se dizer que a Literatura Popular funciona como campo de produção simbólica dessa poesia, pois trata da cultura reconhecida de um povo específico, além de apresentar uma linguagem oral popular.

### **3.3 No Meu Sertão: maravilhas e crenças presentes no sertão Nordestino**

O poema *No meu sertão* está presente apenas no livro *Inspiração Nordestina* e, como se pode notar a seguir, é escrito em décimas, fazendo uso da linguagem popular.

Apresentado em primeira pessoa do singular, vê-se, pelo título, que um nordestino vai falar do seu sertão, ou seja, da vida e da cultura do seu povo. O eu-poético fala para as pessoas da cidade, tem estas como destinatários.

A fim de manter uma organização dos temas abordados nesse poema, cabe dividi-lo em dois tópicos: o primeiro que traz uma apresentação do nordestino e a preferência pela “boa vida” do sertão; e o segundo tópico que trata de algumas crenças que fazem parte da cultura do sertanejo, como se pode ver a seguir.

### 3.3.1 A preferência pelo sertão

Nos versos que se seguem, o eu-poético fala para o povo da cidade grande. Há uma explicação da predileção do nordestino pelo seu sertão e, com isso, reforça-se o regionalismo presente nesse poema.

1 Boa noite, gente rica  
 2 De sabença e inducação,  
 3 Peço que descurpe os êrro  
 4 Desta minha falação.  
 5 Não conheço português,  
 6 Apois eu por minha vez  
 7 Nunca mexi com papé,  
 8 Mas vou fala na language  
 9 Da minha gente servage,  
 10 Entenda lá quem pudé!

[...]

31 Lá no sertão de onde eu venho,  
 32 Inté hoje não chegou  
 33 Buzina de caminhão  
 34 Nem apito de motô;  
 35 A vida é bem sossegada,  
 36 Sem barúio e sem zoada,  
 37 Por isso eu faço questão  
 38 De não morá na cidade,  
 39 Foi sempre minha vontade  
 40 Vivê e morrê no sertão.

[...]

51 É munto mais boa vida  
 52 Da minha gente matuta,  
 53 Lá onde tudo é sossego,  
 54 Lá onde ninguém escuta  
 55 Essa zoada mardita,  
 56 E onde tombém se acredita  
 57 E se crê de coração  
 58 Em munta coisa da vida  
 59 Que essas pessoa sabida  
 60 Chama de suprestição.  
 (ASSARÉ, p. 123-124).

Nos primeiros versos, vê-se que o eu-poético se apresenta como sendo um sertanejo que não sabe falar conforme a norma culta e, por isso, vai fazer usar uma linguagem popular nos seus versos. Observa-se que ele se refere ao seu povo como “minha gente servage” (v. 9), deixando subentendido que se trata de pessoas que vivem no meio rural, sem contato com as informações e a modernidade das cidades grandes.

Em seguida, o eu-poético coloca que a vida no sertão é melhor, pois este ainda não possui toda a modernidade da cidade, ou seja, não há “buzina de caminhão / Nem apito de motô” (v. 33-34) e, com isso, a vida é mais “Sossegada” (v. 35). Sendo assim, vê-se que, em meio à modernização da indústria ocorrendo na zona urbana, o meio rural continuava sem mudanças e isso agradava ao povo sertanejo, visto que era uma forma de preservar a tranquilidade que o nordestino tanto prezava.

Verifica-se aqui um comportamento conservador, visto que o nordestino repudia tudo aquilo que ameaça a sua maneira de viver, a sua cultura de vida. De acordo com Scruton (2015a, p. 201), os conservadores buscam preservar um “lugar-residência comum”, a fim de manter viva a relação entre as gerações e não deixar morrer os costumes e as tradições de um povo antigo. Dessa forma, Scruton (2015a, p. 201) afirma que “os lugares nos campos da zona rural estão incluídos naquele tempo mais antigo, mais tranquilo, cotidiano, que ainda se move e está vivo na psique humana”.

Com base nisso, pode-se dizer que Patativa do Assaré, como poeta conservador, defendia tudo aquilo que lhe deixava em contato com as tradições locais e, portanto, estimava o sertão sem a modernidade, o barulho e a “bagunça” que existia na cidade, conforme versos 51 a 55.

Além do mais, o eu-poético destaca ainda sua preferência pelo sertão por causa das crenças nordestinas. O que para os citadinos é “suprestição”, para o sertanejo é a sua cultura, a sua identidade sendo revelada por meio dos seus costumes cotidianos.

### 3.3.2 Crenças do povo Nordestino

Passa-se agora para a apresentação de alguns costumes e crenças da cultura nordestina. Assim, através das tradições e da cultura nordestinas, cria-se uma identidade para o sertanejo, como se pode ver nas estrofes seguintes.

[...]

**71** A gente do meu sertão  
**72** Tem a vida acoletada.  
**73** Nas noite de sexta-feira  
**74** Caçadô não faz caçada,  
**75** Temendo grande desgraça.  
**76** No meu sertão ninguém passa  
**77** Entre dois pau de portêta,  
**78** Pois é grande o sacrifício,  
**79** Se arrisca a pegá feitiço  
**80** Da gente catimbózeira.

**81** E nas noite de São João  
**82** As môça casamentêra  
**83** Leva uma bacia d'água  
**84** Bem pra junto da foguêra,  
**85** E ali, com munta prudença  
**86** Vão fazê esperiência  
**87** Sobre o futuro que vem,  
**88** Deitando a sorte nas braza  
**89** Promode sabê se casa  
**90** Com os moços que elas qué bem.

**91** Quem se sentá no batende  
**92** Fica sem sorte e zelé,  
**93** Nunca mais será feliz  
**94** Nos negoço que fizé.  
**95** E ai do tolo ou do imprudente  
**96** Que, sem querê, no batente  
**97** Por descuido se sentá!  
**98** Do desmantêlo não foge,  
**99** Fica sujeito a caboge,  
**100** Mandinga e quarqué azá.

**101** Pra nós lá do meu sertão,  
**102** Uni chapéu desemborcado  
**103** Ave Maria! Meu Deus!  
**104** Que agôro malassombrado!  
**105** É o mais pió dos agôro,  
**106** Seja massa, paia ou côro  
**107** Tem a mërma agôração.  
**108** O dono desse chapéu  
**109** Se morrê não vai pro céu,  
**110** Pois morre sem confissão.  
 (ASSARÉ, 2003, p. 125-126).

Nesses versos, começa-se a ver as tradições nordestinas sendo manifestadas (v. 73-75). Tem-se aqui um exemplo de uma crença em um ser considerado mitológico por muitas pessoas: a Caipora. Para o sertanejo, a Caipora é real e, de acordo com a crença popular, ela aparece, principalmente, nas noites de sexta-feira para confundir os caçadores.

Além dessa crença, vê-se que o povo do sertão acredita também em feitiço, macumba e, com algumas ações, a pessoa fica mais propícia a “pegar” algum mal, como se comprova nos versos 76 a 80.

Para mais, nas estrofes que se seguem, são apresentados mais alguns costumes regionais, destacados nos versos em que as moças “casamentêra” (v. 82) fazem “experiências” na noite de São João, ou seja, tentam “adivinhar” o futuro, a fim de saber se vão casar com “os moços que elas qué bem” (v. 90). Expõe-se também que a gente nordestina acredita que algumas atitudes, por exemplo, sentar no batente de uma porta ou janela traz azar para a pessoa que o fizer (v. 91-94).

Há também a crença atrelada à questão da religiosidade, como se pode notar nos versos em que o eu-poético traz uma crença ligada ao ato de deixar um chapéu “desemborcado” (v. 102, 108-110).

Percebe-se que essas crenças, tradições – incluindo o conservadorismo – do homem nordestino, são também de Patativa. De acordo com Coutinho (2008, p. 84), “o poeta é capaz de absorver as experiências dos semelhantes, colocá-las dentro de si, torna-las suas próprias”. E é isso que se expõe nesses versos e reforça a identidade e o regionalismo do Nordeste, do próprio autor.

Patativa do Assaré incorpora essas experiências do espaço no qual está inserido e transforma tudo em *habitus*, isto é, “produto da incorporação das estruturas do mundo social” (Bourdieu, 1996, p. 364). Esse *habitus* age no momento em que o autor vai produzir a obra literária (bem cultural), ou seja, todos os costumes e interesses populares, que também são seus, formam a sua poesia, como se viu nos versos analisados.

### **3.4 A terra é naturá: a busca do camponês Nordeste pelo seus direitos**

O poema *A terra é naturá* encontra-se nos livros *Inspiração Nordestina, Cante lá que eu canto cá* e *Aqui tem coisa*. Escrito em décimas, ele é feito na linguagem popular/matuta, como se pode notar pelo seu título.

Há, nesse poema, um eu-poético que aparenta ser um “empregado” que não possui estudos e uma pessoa a quem os versos são destinados, que parece ser de uma condição social superior a do primeiro, visto que é tratado por “meu patrão” (v. 2).

O assunto central desse poema é a reforma agrária, tão desejada pelos trabalhadores rurais que vivem “de favor” em terras alheias, devendo ao patrão. Ver-se-á a questão da má distribuição de terras – latifúndio - e o sofrimento do camponês que não possui um chão para plantar e, assim, poder alimentar a sua família.

2 É serví ao meu patrão.  
 3 Eu não sei fazê comiço,  
 4 Nem, discuço, nem sermão;  
 5 Nem sei as letras onde mora,  
 6 Mas porém, eu quero agora  
 7 Dizê, com sua licença,  
 8 Uma coisa bem singela,  
 9 Que a gente pra dizê ela  
 10 Não precisa de sabença.

11 Se um pai de famia honrado  
 12 Morre, dexando a famia,  
 13 Os seus fiinho adorado  
 14 Por dono da moradia,  
 15 E aqueles irmão mais véio,  
 16 Sem pensa nos Evangéio,  
 17 Contra os novo a toda hora  
 18 Lança da inveja o veneno  
 19 Até botá os mais pequeno  
 20 Daquela casa pra fora.

21 Disso tudo o resurtado  
 22 Seu dotô sabe a verdade,  
 23 Pois, logo os prejudicado  
 24 Recorre às oturidade  
 25 E no chafurdo infeliz  
 26 Depressa vai o jauiz  
 27 Fazê a paz dos irmão  
 28 E se ele fô justicêro,  
 29 Parte a casa do herdêro  
 30 Pra cada quá seu quinhão.

31 Seu dotô, que estudou munto  
 32 E tem boa inducação,  
 33 Não ignore este assunto  
 34 Da minha comparação,  
 35 Pois este pai de famia  
 36 É o Deus de Soberania,  
 37 Pai do meu sinhô e pai meu,  
 38 Que tudo cria e sustenta,  
 39 E esta casa representa  
 40 A terra que ele nos deu.  
 (ASSARÉ, 2003, p. 327-328).

Nos primeiros versos, o eu-poético deixa claro que o seu não conhecimento das “letras” (v. 5), isto é, o fato dele não ter estudado, não o impede de falar a verdade, pois esta é “bem singela” (v. 8), simples, e não requer grande “sabença” (v. 10).

Nos versos que se seguem, há uma comparação entre um “pai de famia honrado” (v. 11) com sua casa e “o Deus da Soberania” (v. 36) com a terra. Apresenta-se a casa como sendo a terra deixada para ser habitada por todos; e o pai de família que deixou a casa para todos os filhos como sendo Deus que criou a terra para que todas as pessoas, sem exceção, pudessem habitá-la e se servir das suas riquezas naturais.

O eu-poético fala dos “irmão mais véio” (v. 15) e, com isso, subentende-se que se trata dos latifundiários que, por ambição, não dividem as terras com os “mais pequeno” (v. 19), isto é, com os pobres agregados. Além do mais, aparece também a figura do juiz que, de acordo com o eu-poético, é quem faz “a paz dos irmão” (v. 27) , isso “se ele fô justicêro” (v. 28). A ele pode-se comparar o Estado, pois, é este o responsável pela reforma agrária, a qual tem por função fazer com que as terras sejam bem distribuídas e não haja trabalho escravo, dando aos pobres o mesmo direito à terra que os ricos têm. Porém, nem sempre o Estado age de maneira justa e correta e o sertanejo fica sem terra para plantar e dependendo do patrão.

Em seguida, comprova-se o que já foi dito, pois Deus é apresentado como sendo esse pai de família a quem o eu-poético se refere, assim como a casa representa a terra. Cabe enfatizar o verso em que Deus é exposto como sendo “pai do meu sinhô e pai meu” (v. 37). Dessa maneira, o sujeito poético busca chamar a atenção do patrão para o fato de que todos são filhos do mesmo Pai e devem ter os mesmos direitos sobre o que lhes foi dado: a terra.

Sendo assim, percebe-se a forte religiosidade nesses versos, os valores que o sujeito poético (agregado) defende: ele, como porta-voz de todos os agregados nordestinos e representando estes, não busca briga com o patrão, pois são todos irmãos, como se pode ver nos versos a seguir.

41 O pai de famia honrado,  
 42 A quem tô me referindo,  
 43 É Deus Nosso Pai Amado,  
 44 Que lá do céu tá me uvindo,  
 45 O Deus justo que não erra  
 46 E que pra nós fez a terra.  
 47 Este praneta comum,  
 48 Pois a terra, com certeza,  
 49 É obra da Natureza  
 50 Que pertence a cada um.

[...]  
 61 Esta terra é como a chuva,  
 62 Que vai da praia à campina,  
 63 Mória a casada, a viúva,  
 64 A véia, a moça, a menina.  
 65 Quando sangra os nevuêro,  
 66 Pra conquista o aguacêro  
 67 Ninguém vai fazê fuxico,  
 68 Pois a chuva tudo cobre,  
 69 Mória a tapera do pobre  
 70 E a grande casa do rico.

[...]  
 81 Esta terra é como o vento,  
 82 O vento, que, por capricho  
 83 Assopra, às vez, um momento,  
 84 Brando, fazendo cuchicho,

85 Outras vez vira o capeta,  
 86 Vai fazendo pirueta,  
 87 Roncando com desatino,  
 88 Levando tudo de móio,  
 89 Jogando arguêro nos óio  
 90 Do grande e do pequenino.

[...]

101 Pois o vento, o Só, a Lua,  
 102 A chuva e terra também,  
 103 Tudo é coisa minha e sua,  
 104 Seu dotô conhece bem.  
 105 Pra se sabe disso tudo  
 106 Ninguém precisa de estudo.  
 107 Eu sem escrevê, nem lê,  
 108 Conheço desta verdade.  
 109 Seu dotô, tenha a bondade  
 110 De uvi o que vou dizê.  
 (ASSARÉ, 2003, p. 328-330).

A religiosidade, como um valor defendido por Patativa do Assaré, se faz presente, de maneira bem forte, nesses versos. Deus é mostrado como “Nosso Pai Amado” (v. 43), “justo que não erra” (v. 45) e que para todos fez a terra, a qual “pertence a cada um” (v. 50). Dessa forma, manifesta-se um valor que, certamente, é defendido pelo poeta Patativa do Assaré: a igualdade de direitos para todos.

A referência que se faz a elementos religiosos nesses versos traz a cultura conservadora do autor e do seu povo, pois, juntamente com a crença religiosa, vem a noção de obediência, defesa da justiça, boas ações, visto que, a todo momento, o eu-poético defende que todos têm os mesmos direitos, todos têm direito a terra.

De acordo com Scruton (2015b, p. 268), é difícil explicar a ligação entre o conservadorismo e a religiosidade, porém, ele diz que não se pode negar que “há uma conexão entre conservadorismo e o sentimento religioso”. Além disso, ele afirma que “a situação da crença religiosa ver-se-á refletida na situação da sociedade civil e buscará sua expressão na lei”. Desse modo, pode-se colocar que a crença religiosa pode ser responsável pelas boas atitudes e ações das pessoas que a possuem, como se viu nesses versos que o agregado, ao contrário do seu patrão, busca agir pensando “nos Evangéio” (v.16).

Patativa do Assaré traz para a sua poesia as vivências do povo do sertão, tudo que pelo poeta é admirado e, também, o que ele vivencia, já que também é nordestino. Bourdieu (2003, p. 125) afirma que “o *habitus* é gerador de estratégias que podem estar em conformidade com os interesses dos seus autores sem terem sido criados com esse intuito”.

Em relação ao conservadorismo, pode-se falar que Patativa do Assaré traz esse tema para a sua poesia, pois o autor estava em um meio social conservador e incorporava essa

questão, apreciava-a e o resultado era um *habitus* conservador, o qual resultou em um bem cultural, a sua obra, com traços do conservadorismo, como se pôde ver acima.

Nos versos seguintes são feitas outras comparações e, com isso, o eu-poético tem o intuito de defender os direitos e reforçar a questão que a terra deve ser de todos, como o disposto nos versos 61, 69, 70, 81, 89, 90. Logo, o eu poético coloca que “o vento, o Só, a Lua, / A chuva e a terra também, / Tudo é coisa minha e sua” (v. 101-103), ou seja, todos têm os mesmos direitos sobre as coisas que Deus criou.

Em seguida, o eu-poético se coloca “superior” ao seu interlocutor, visto que este possui ambição, enquanto o primeiro quer apenas seus direitos garantidos, inclusive o direito de possuir uma terra para trabalhar, e não ambiciona o que é alheio, como se apresenta a seguir.

- 111** Não invejo o seu tesôro,  
**112** Suas mala de dinheiro,  
**113** A sua prata, o seu ôro,  
**114** O seu boi, o seu carnêro,  
**115** Seu repôso, seu recreio,  
**116** Seu bom carro de passeio,  
**117** Sua casa de morá  
**118** E a sua loja surtida,  
**119** O que quero nesta vida  
**120** É terra pra trabaíá.  
  
**121** Escute o que tou dizendo,  
**122** Seu dotô, seu coroné:  
**123** De fome tão padecendo  
**124** Meus fio e minha muié.  
**125** Sem briga, questão, nem guerra  
**126** Meça desta grande terra  
**127** Unias tarefa pra eu!  
**128** Tenha pena do agregado,  
**129** Não me dêxe deserdado  
**130** Daquilo que Deus me deu!  
 (ASSARÉ, 2003, p. 330-331).

O agregado não deseja as coisas que pertencem ao seu patrão latifundiário, pois, o que ele quer é apenas poder trabalhar com honestidade, conforme os versos 119-120. Logo, o agregado quer apenas possuir uma terra só sua, para não depender do patrão e poder trabalhar livre. Ele sabe que tem direito de possuir um pedaço daquela terra, visto que ela é uma criação divina para todos (v. 129-130).

Na última estrofe, há uma apresentação do “dotô” a quem o agregado se referia: trata-se de um coronel. A esse, o nordestino recorre dizendo que não quer brigar, quer apenas a terra para plantar e ter comida para os filhos e a mulher.

De acordo com Scruton (2015b, p. 228), a família é o “exemplo mais claro de uma instituição baseada em um laço transcendental”. Trata-se de uma transcendência moral, em que a família é a principal responsável pelas noções de amor, solidariedade, respeito, educação. E, dessa mesma forma, a família era vista por Patativa do Assaré, que defende essa instituição, acredita na força dela como formadora de valores e, por isso, a menciona em suas poesias.

Fazendo o que Bourdieu (1996, p. 243) chama de uma “análise da estrutura interna do campo literário”, pode-se afirmar que, de acordo com os temas sociais aqui tratados, constata-se que se está diante do campo da Literatura Popular; esse é o campo no qual Patativa do Assaré encaixa a sua produção e a vivência do autor nesse meio social é incorporada e transformada em *habitus*.

### **Considerações Finais**

Em vista das considerações feitas acerca do papel da Literatura Popular na representação do Nordeste na obra *Inspiração Nordestina*, de Patativa do Assaré, pode-se afirmar que a Literatura Popular funciona como o campo no qual esse autor se encaixa, tornando-se o meio que permite a este a produção dessa obra.

Viu-se que a Literatura Popular trata da realidade e história de um determinado povo, ou seja, traz a cultura, os costumes, os acontecimentos diários, as tradições deste. Todos esses elementos, unidos, formam a identidade do homem nordestino. Sendo assim, pode-se afirmar que a obra *Inspiração Nordestina* faz parte do campo da Literatura Popular, pois ela traz tudo isso que foi colocado e, além do mais, se apresenta, primeiramente, de maneira oral.

O conservadorismo, que se viu presente nas poesias em questão, faz parte da cultura do nordestino na obra. Dessa forma, pode-se dizer que o fato de o poeta ser conservador, assim como o seu povo, e levar isso para a sua poesia, retratando as memórias dessa gente, é mais uma causa dessa obra fazer parte do campo da Literatura Popular, visto que o conservadorismo é uma tradição desses sertanejos.

Em relação à representação/construção do Nordeste na obra em questão, foi visto com base na teoria bourdieusiana que Patativa do Assaré constrói o seu povo à sua imagem, pois o próprio autor dele faz parte. Logo, ele se coloca na condição de observador e apreciador da realidade nordestina e une isso à sua experiência de vida incorporada (*habitus*), transformando tudo em uma obra (o *bem cultural*).

A obra *Inspiração Nordestina* é considerada o *bem cultural* (ação do *habitus*), pois foi produzida e adequada para o seu “encaixe” no campo da Literatura Popular, visto que atende a todas as condições desse campo. Além disso, Patativa do Assaré tinha o *capital cultural* que o permitiu conseguir criar, ser notado por falar de temas reais e presentes na sociedade e, assim, dar sentido a sua produção e deixar a sua obra reconhecida.

Por fim, a criação desse poeta conservador é *simbólica*, pois é reconhecida e transformada em uma obra e, além disso, trata de assuntos sociais que acontecem e que são de interesse não só do nordestino retratado, mas também de todos que têm curiosidade e apreciam a cultura desse povo. A família e a religião, apresentadas inicialmente como tradições conservadoras, são assuntos de cunho social, de uma determinada comunidade e, portanto, o conservadorismo é simbólico.

Logo, a produção de Patativa do Assaré trata do homem sertanejo, das ações deste, da sua cultura, da sua tradição – inclusive o conservadorismo desse povo -, dos seus valores, das suas crenças, da identidade do Nordeste. E, sendo a criação simbólica e o campo estando diretamente ligado com o autor que cria, fica claro que a Literatura Popular, na obra *Inspiração Nordestina*, funciona como campo de produção simbólica.

## Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2009.

ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração Nordestina**. São Paulo: Hedra, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte**: Gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Disponível em: <<http://nepegeo.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-As-regras-da-arte.pdf>>. Acesso em: 22 de abril de 2019.

\_\_\_\_\_. Os três estados do capital cultural. In: **Escritos de Educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Disponível em: <<http://nepegeo.ufsc.br/files/2018/06/BOURDIEU-Pierre.-Escritos-de-educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 31 de maio de 2019.

\_\_\_\_\_. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Disponível em: <[http://lpeqi.quimica.ufg.br/up/426/o/BOURDIEU\\_\\_Pierre.\\_O\\_poder\\_simb%C3%B3lico.pdf](http://lpeqi.quimica.ufg.br/up/426/o/BOURDIEU__Pierre._O_poder_simb%C3%B3lico.pdf)>. Acesso em: 22 de Abril de 2019.

\_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Lisboa: Fim de século – Edições sociedade Unipessoal, LDA, 2003. Disponível em: <[https://monoskop.org/images/e/e8/Bourdieu\\_Pierre\\_Quest%C3%B5es\\_de\\_Sociologia\\_2003.pdf](https://monoskop.org/images/e/e8/Bourdieu_Pierre_Quest%C3%B5es_de_Sociologia_2003.pdf)>. Acesso em: 22 de Abril de 2019.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. Brasília: INL, 1978.

CAVIGNAC, Julie. **A literatura de cordel no Nordeste do Brasil**: Da história escrita ao relato oral. Trad. Nelson Patriota. Natal: Editora da UFRN, 2006.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. (Coleção Pensadores e Educação).

NOGUEIRA, Renata de Carvalho. **A Poética Social de Patativa do Assaré** / Renata de Carvalho Nogueira. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. São Paulo, 2017.

PEREIRA, Jandira Lopes. **Capital econômico, capital cultural e *habitus*: estruturas de poder e desagregação em São Bernardo, de Graciliano Ramos** / Jandira Lopes Pereira. Dissertação apresentada ao mestrado acadêmico em Letras, pela Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2012.

SCRUTON, Roger. **Como ser um conservador**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015a.

\_\_\_\_\_. **O que é Conservadorismo**. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2015b.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
 CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
 COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
 Rua Cícero Duarte Nº 905 - Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
 Fone: (89) 3422 2032

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

As 14:30 horas do dia 07 de junho do ano de dois mil e dezenove, na sala 833, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos - PI, sob a presidência da **Prof.Drª Cristiane Feitosa Pinheiro**, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria da aluna **Fernanda Caroliny de Moura Leal**, do curso de Letras desta Universidade com o título, **O nordestino representado em *Inspiração Nordestina*, de Patativa do Assaré: A literatura popular como campo de produção simbólica e espaço poético conservador**. A Banca Examinadora ficou assim constituída: **Profª Drª Cristiane Feitosa Pinheiro** (orientador -presidente), **Prof.Dr Welbert Feitosa Pinheiro** (1º examinador) e **Profª Me. Fernanda Martins Luz** (2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: após a apresentação do aluno pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguido de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, \_\_\_\_\_ Concluída a defesa, procedeu-se o julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo o aluno obtido às seguintes notas: 10,0 ; 10,0 e 10,0. Apuradas as notas verificou-se que o aluno foi aprovado com média geral 10,0. E para constar, eu, Cristiane Feitosa Pinheiro lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 07 de junho de 2019.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

Cristiane Feitosa Pinheiro  
 Presidente

Welbert Feitosa Pinheiro  
 1º examinador

Fernanda Martins Luz Barros  
 2º examinador



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 ( ) Monografia  
 Artigo

Eu, Fernanda Caroline de Moura Beal,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação

O Nordeste representado em Inspiração Nordestina, de  
 Patrícia do Arrais: A literatura Popular como campo de pro-  
 dução simbólica e espaço poético conservador.  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 7 de junho de 2019.

Fernanda Caroline de Moura Beal

Assinatura

Luiziane Souto Ribeiro (orientadora)

Assinatura